

maeander

(textos poéticos)

Nota: O formato digital PDF poderá apresentar algumas diferenças de pormenor relativamente à edição impressa.

Índice

<i>Título (com nota)</i>	2
<i>Dedicatória</i>	4
<i>Nota de abertura</i>	5
Linguagem	6
Mistério	7
Pesadelo	8
Manhã	9
Quimera	10
Relativamente	11
Serenidade	12
Viajantes	13
Ariadne	14
...se anula!...	15
Tic-tac	16
31. Hsien	17
Cadinho patético	18
Charada	19
Poema	20
Quanto ao resto...	21
Tudo faz sentido!	22
Fugir	23
Primordial	24
“Movimento solar”	25
Sonho	26
Saber de si	27
Sofro	28
Intacto aroma	29
Música. Um tributo	30
O caminhante	31
Despercebidamente	32
Labuta	33
Lunda Norte	34
Viajando	35
Somos mutantes	36
Macau	37
Faial, Pico e o depois...	38
Vaticínio	39
À margem	40
Geómetra	41
Mnemosyne	42
Para lá da paisagem	43
O Número	44
22. Pi	45
10 de Junho nos Açores...ou num qualquer outro lugar...	46
Nada permanece	47
Phetchabun, chuva tropical	48
Sofia...	49
Não sei	50
Malásia	51
História adivinhada	52
Cumprir	53
Por mais	54

aos dias do porvir
onde, apesar da incerteza,
o sonho e a palavra
se cumprem.

“Quem sabe não o veremos esta noite nos labirintos do sonho, sem saber disso amanhã.”

Jorge Luis Borges

Linguagem

Que nos permita a palavra,
Essa dádiva,
Que os outros nos encontrem
Na expressão mais íntima!

E sem nos conhecerem,
Nos conheçam
Na expressão mais íntima!

Possa daí surgir
Uma nova dimensão,
Que nos permita viver
Na expressão mais íntima
Que nos permite a palavra,
Essa dádiva!

Mistério

Teremos em nós
A química milenar
Que se arranjou em modos peculiares
Que tomou múltiplas formas bizarras

Teremos em nós
A precariedade do Tempo
Que se teceu ininterruptamente
Numa intrincada miríade de mundos

Teremos em nós
A energia
Perfeitamente equilibrada
No caótico momento universal!

Teremos em nós...

O pesadelo

Na noite sem fim,
Na escuridão da insónia,
Eu vi tua face hedionda.

Ouvi teu eco de aflitivos gritos
Desumanos.
Tua presença pegajosamente insuportável,
Permaneceu.
Para além do sonho,
Para além da realidade,
Monstruosamente revelada.

Setecentas e setenta e sete perguntas,
Nem uma só resposta...

Na vigília persistente
Dessa noite de breu,
Eu vi tua figura horrenda.

Teu odor pestilento,
Desumano,
Conspurcou o espaço, envenenou o tempo.
Permaneceu
Para além da vida,
Para além da morte,
Monstruosamente nojento.

Setecentas e setenta e sete perguntas,
Nem uma só resposta...

Amanheceu!
Ergui-me, céptico,
Para o quotidiano absurdo:
Tarefas bem cumpridas,
Indiferença quase feliz!

Setecentas e setenta e sete perguntas,
Nem uma só resposta...

Manhã

Já a manhã nasce por trás do casario branco onde ainda há pouco a noite era eterna para além daquela mancha escura. A luz quase palpável penetra por todos os pontos possíveis. Janelas abrem-se felizes ao dia que chega!

Quimera

Procuraremos em vão
A tão formosa ilha encantada,
Que todos antes de nós
Em vão procuraram.

Ilha que a existir então,
Tal reza a velha lenda afamada,
À suprema maravilha
Serve de eterna morada.

Demandaremos terras e oceanos,
Por tanta, tanta légua navegada.
Viagem sofrida e andarilha
Na busca sempre malograda.

Já os corpos exaustos
Da persistente jornada,
Virá por fim a trégua ansiada
Do descanso benfazejo.

Adormeceremos prostrados
Em terra perdida desabitada.
Sonharemos felizes
A ilha do nosso desejo.

Nessa imagem nítida,
Nas nossas mentes criada,
Veremos a nossa utopia
Claramente desvendada.

Dormiremos essa fantasia
Assustadoramente real.
Embarará nossa viagem sonhada,
Tão verdadeira e racional.

Acordaremos enfim refeitos.
Prosseguiremos a vã busca aturada
Dessa ilha imaginária
Por nós jamais contemplada!

Relativamente

Pé ante pé,
Chegará o inevitável dia
Em que lembraremos, incrédulos,
O primitivo *Sapiens*.

Pé ante pé,
Se configurarão outros céus,
Nascerão outras vontades,
Viajaremos novos espaços.

Pé ante pé,
Se imporão outras verdades,
Desejaremos novas vaidades,
Labutaremos outros cansaços.

Pé ante pé,
O tempo, imperturbavelmente,
Criará novas formas e ilusões,
E pouco do que fomos restará.

Pé ante pé,
Seja o que quer que formos,
Lá estaremos!
Ali, onde (como sempre)
Vislumbraremos
Hipotéticos futuros;
Onde, sonhadores,
Construindo veleidades,
Continuaremos a cumprir,
Com um sorriso cósmico,
O mistério
De eternamente existir!

É absolutamente certo...

Serenidade

Vem serenidade...
Inunda todo este espaço
Contagia nossos corpos
Apodera-te das nossas mentes

Vem
Mostra-nos o que não vemos
Traz-nos o que não sentimos

Com o tempo assim
A escorrer como melão

E assim mesmo
Docemente

Transforma-nos
Serenamente

Vem serenidade...

Viajantes

Viajamos neste minúsculo *espaço*
Dentro deste ífimo *tempo...*

Viajamos

Na vastidão incompreensível
Arquitectamos mundos lógicos
Com a exactidão das horas
E a minúcia dos segundos

Ignoramos

Na infinidade pressentida
Posicionamos sistemas
Admiravelmente definidos
Precisamente determinados

Viajamos

Dentro dos nossos ífimos limites
Com as nossas minúsculas consciências

Ignoramos

Viajamos

Ariadne

Existo, não raras vezes, no delírio,
No irresolúvel heptágono labiríntico,
Não tanto por vontade própria!...

Vivo, esfusiante, o desafio,
Encantado à partida pelo segredo,
Não encontrando nunca o núcleo
De tão complexas circunvoluções
Em que me sinto perdido,
Impaciento-me invariavelmente,
Não tanto por vontade própria!...

E sinto-me tanto no desvario,
Que grito a Daedalus imprecações,
Que tão perfeito artifício engendrou:
Ouço furioso meu desânimo e medo!
Insisto tão desesperadamente,
Que fico louco de assim porfiar,
Não tanto por vontade própria!...

Por fim sou sempre salvo da aflição,
Na minha inépcia para tais enigmas:
Vem a bela Ariadne dar-me a mão,
Caminhando contente e semi-nua,
Vindo ao meu encontro por magia.
Sinto então os espíritos flutuantes
Trazendo a inusitada recompensa,
E do sofrimento nasce a sabedoria,
Não tanto por vontade própria!...

Enlaçados, com sensual ternura,
Transpomos a primitiva entrada
Do irresolúvel heptágono labiríntico.
Depois, já equilibradamente iludido,
Não raras vezes, vem a beatitude me visitar.
Passo a existir então nas infinitas formas,
Que, intemporal e cristalinamente luminosas,
Vão tornando bela a vastidão irreconhecível,
Não tanto por vontade própria!....

... se anula!...

Dos sons do tempo nasce fantástica a música.
Os teus dedos esguios viajam velozes pelo teclado.
Num momento fugidio visitamos simultânea e
inconscientemente a tua mais pura recôndita morada.
O infinitesimal lapso etéreo perpetua-se e o tempo
humildemente se anula!...

Tic - tac

Hoje.

Agora!

Já o depois!

O minuto que passa.
Já o antes, inexistente...

Hoje.

Agora!

O efêmero...

Eu...

Tu ao meu lado;

Onde estamos?

A que momento pertencemos?!

O nada.

O tudo.

Agora.

Hoje.

Já o antes, inexistente...

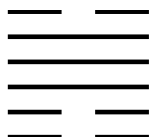
O minuto que passa.

Eu.... e tu ao meu lado.

Hoje,

Agora,

Amanhã?...



31. *Hsien*

Teu nome já não lembro!
Teu sorriso, teu morno corpo nu,
Teus cabelos espessos, teu *sari*.

Tuas saídas, fugidas apressadas,
Tuas vindas risonhas, teu passo miúdo.
Teu olhar...

Teu nome...
Já não lembro!...

Enroscada ao meu colo,
Toda lânguida oferecida,
Aconchegada contra mim...
Muito terna apeteçada.
Já desnuda descalça,
Pronta para ficar...

Tua gargalhada quase muda,
Teus olhos de espanto doçura.
Tua seda negra pele!
Teus pés sensuais pequeninos.
Teus lábios carnudos perfeitos.

Teus mistérios ao falares de ti,
Tuas saias curtas e blusas vaidosas....

.....

Tua imagem eternamente dentro de mim...

Teu nome...
Já não lembro!...

Cadinho patético

Organizaram-se os elementos
As reacções químicas se desencadearam
As substâncias se geraram
E os estímulos se criaram

Surgiu então o movimento
Com a vontade orgânica
Com o objectivo químico
De organização dos elementos
Para que reacções químicas se desencadeassem
E as substâncias se gerassem
E os estímulos se criassem

Nasceu pois a acção
Com a vontade dos elementos
Com o objectivo orgânico
De organização das reacções químicas
Para que os elementos se desencadeassem
E os estímulos se gerassem
E as substâncias se criassem

Charada

Por entre os seres
habitam seres,
que sem seres serem,
como seres são tidos
pelos seres!

Estes seres que habitam
por entre os seres,
sabem que os seres
os têm como seres!

Os seres desconhecem
que por entre os seres
habitam seres
que imitam seres,
idênticos aos seres
entre os quais habitam

Esses seres conhecem os seres

Os seres não sabem
que por entre os seres
habitam seres!...

Poema

Dentro das horas infinitas
Tamborilam
As palavras.

Em caótico movimento,
Buscam definições
Definitivas
Do abstracto pensamento.

Dentro das emoções
Rodopiam
As palavras.
Encontram seu momento,
Adquirem posições
Compulsivas,
E só ficam as mais queridas.

Dentro das noites brancas
Alinham-se
As palavras.
Ganham sentido aparente,
Discutem razões
Intempestivas.
Calam-se por fim, abatidas.

Dentro das páginas escritas
Ouvem-se
As palavras.
Cantam silenciosamente
Com tons exuberantes,
Festivas.
As ideias ficam ditas.

Dentro dos passos errantes,
Ecoam
As palavras
Em frases nunca ouvidas,
Com surpresa entendidas,
Impulsivas,
Inutilmente reveladas...

Quanto ao resto

Há uma manhã límpida
luminosa

E a ideia de um amanhã
límpido
luminoso

Há uma tarde quente
vagarosa

E a ideia de um amor
quente
vagaroso

Há uma noite densa
calma

E uma certeza calma
densa

Há este momento que passa

E quanto ao resto

Não há nada!

Tudo faz sentido!

Cintilam agora as gotas que restam dos passos de teus
alvos pés molhados sobre o mármore negro e frio.
De repente tudo faz sentido!

Fugir

Quando os dias perdem
A centelha da aventura
E se tornam iguais;

Quando se perde
O entusiasmo da descoberta
E se instala a indiferença;

E todo o labor soa vão:
Nem descoberta,
Nem aventura.

Então aí...a natureza queda morta
E é urgente partir!...

Primordial

Marulha a água no milenar
Seixo rolado

O verde esfarrapado dos pinheiros
Cai no espelho

Plana na acuidade do voo no azul
Da manhã

Brilha na água a luz oblíqua do *astro*
A nascer

A terna tépida brisa invisível
Tudo afaga

Cintila o mineral nas graníticas margens
Ainda húmidas

Impõe-se belo e pujante o dia
Na felicidade
De ser

“Movimento solar”

Cintilam miríades de luzes na cidade quente, semi-adormecida, no mesmo momento em que, distante, a frescura matinal fustiga o rosto dos mais vespertinos. Aqui, no calor abafado da noite, sinto um arrepio da manhã húmida e simultânea.

Sonho

De quantos sonos acordaremos
Para o que não pedimos?

Se nem pedimos!

Se pedíramos, acordaríamos
para o que não pedíramos...

De quantos sonos acordaremos
para o que não sabemos?

Fosse o que pedíramos
Fosse o que soubéramos
De que sono acordaríamos?

Quantos sonos viveremos?
Quantas vidas dormiremos?

Amanhece!

Saber de si

Estar só
Saber de si
Apalpar o tempo
Sentir-lhe a inexistência...

Estar aqui
Reconhecer o espaço
Observar-lhe as formas
Sentir-lhe a inexistência...

Olhar passado e futuro
Estranhar o presente
Sentir-lhe a inexistência...

Admirar o cosmos
Navegar nesse espanto
Naufragar na ignorância
Pertencer ao universo
Sentir-lhe a inexistência...

Estar só
Saber de si

Sofro

Tu,
Cujos olhos não leio
Não quero, não sei...

Tu,
Cuja fala não ouço,
Não posso, não quero...

Tu,
Cujo ser desconheço,
Não compreendo, não me interessa...

Em ti sinto o medo,
Em ti sinto a cólera,
Em ti sinto a inveja.

Sinto,
Sinto só de sentir,
Por sentir.

Por assim sentir,
Não te leio,
Não te ouço.
Desconheço.

Mas sofro.

Intacto aroma

Passei naquela rua onde vivemos,
E disso me lembrei ao 2.º cruzamento!

Tantos, tantos anos.
Tantos passos,
Tantos cansaços.
Uma eternidade passou...
Já nem lembro tua face, teu olhar...

A rua sim...e o prédio, o 2.º andar...
Aquela varanda...

Quando o carro passou,
Mesmo em frente aquela porta,
Cheirei intensamente
Teu corpo molhado...

Teu aroma encontra-se intacto,
Intacto guardado na minha memória!...

E de ti já não me lembro!...

Música.
Um tributo.

Imaterialmente enche os espaços
Gera novas inebriantes sensações
Destroi hábeis silêncios e cansaços
Forja fantásticos contos e ilusões

Admiravelmente funda universos
Produz as vibrações mais inesperadas
Esculpe o tempo de modos diversos
Em notas simples e também intrincadas

Despertado o corpo se torna atento
Esfuma-se a solidão por entre os sons
Diviniza-se intemporal o momento

O real levita ao sabor dos tons
Indefinível exprime o lamento
Cria magias e inspira outros dons

O caminhante

O vento gelado *corta* a face encarquilhada do solitário ancião. O rapaz prossegue isolado a caminhada com os pés descalços sobre a neve. Apesar da avançada idade mantém a cadência na progressão ao longo da íngreme subida. O cabelo preto e farto desalinhado ao vento, as faces imberbes e rosadas, avança vigorosamente...

A neve luminosa e eterna permanece bela e imperturbável...

Despercebidamente

No olhar um sorriso
E nos lábios um sorriso

Palavras muito poucas
Palavras muito cuidadas

Despercebidamente passar
Passar por entre esse ruído

Acreditar no hoje

Hoje acreditar em si

Tranquilamente passar
Passar por entre a multidão

Humildemente aceitar
Aceitar esta condição
De não saber

E, sempre, sempre...
...agradecer

Labuta

Percorremos atordoadamente
Aqueles dias vivos

Em que os desejos morrem
E o cansaço se instala

O sono vem pesadamente
Reparar os nervos frenéticos

Os pensamentos circulares
As palavras exaustas

De repente o vislumbre
Da impossível
Simplicidade

Mesmo que nada valha a pena

Vale a pena
O atordoamento
Destes dias vivos
Em que não há tempo para acreditar

Só tempo para prosseguir

Lunda Norte

Chove
Nesta noite estranha
Estranhamente para lá
Do compreensível
Tudo se dissolve
Chove
Nesta existência estranha
Estranhamente para lá
Dos dias e dos anos
Tudo se dissolve
Chove
Nesta viagem estranha
Estranhamente para lá
De céus e mares
Tudo se dissolve
Chove
Nesta memória estranha
Estranhamente para lá
De passados e futuros
Tudo se dissolve

Chove!

Viajando

Viajando neste esferóide azul
À velocidade da ignorância
Somos

Somos
Esta soma de incertezas
Em rota desconhecida

Inebriados pelo Tempo
Nesta corrida atordoada
Somos

Somos
Esta gargalhada por nada
Por entre lágrimas contidas

Este desejo tamanho
Nesta vigília sonhada
Somos

Somos
Esse ífimo detalhe
De um conto imaginado

Viajando neste esferóide azul
À velocidade da ignorância
Somos

Somos mutantes

Mutantes, seguimos...
Obrigatoriamente
Nos comandamos,
Sem consciência.
Mutantes, seremos...
Inexoravelmente
Sobreviveremos,
Sem consciência.
Mutantes, mudamos...
Involuntariamente
Transformamos,
Sem consciência.
Mutantes, não somos
Conscientemente
Intemporais.
Somos
Mutantes.

Macau

Já o sol desce sobre a cidade trazendo a penumbra e algumas luzes nocturnas. Agora, nesta transição, tudo se torna mais indistinto e sombrio. Em breve a noite se imporá, caleidoscópica, na explosão do néon publicitário. Fervilhará a noite. Depois o sol subirá sobre a cidade trazendo a clara luz do dia. Um dia mais se mostrará rápido e inabalável. Depois o sol descerá sobre a cidade....

Faial, Pico, S. Jorge e o depois...

Tão perto
A longínqua natureza.
Tão forte presença soberana,
Ancestralmente indiferente,
Só superficialmente moldada
Por quimera humana
Insignificante.

Poderosa longínqua natureza!
Esplendorosamente implacável,
De morfologias inóspitas
E mensagem perene,
Inspirando eternos retornos.

Tão esplêndida natureza
Será lembrada um dia:
Desaparecida, irreconciliável, distante,
Humanamente sonhada;
Realmente incompatível,
Irreconhecível,
Imaginada.

Vaticínio

Surgirá na tepidez deste Setembro
Por entre estas vulcânicas “inquietações”

A fascinação!

Que ensinará nossos gestos...
Que preencherá nossos dias...

Um sorriso imperceptível
Nascerá ao canto dos nossos lábios
E nossos passos serão decididos.

E neste Setembro encantado

Surgirá
Uma palavra nova!

Nascerá
Um novo conceito!

E nunca mais seremos os mesmos.
Os mesmos que éramos
Antes.

Antes deste mágico Setembro!

À margem

Eu
Quisera ser exacto
Entendido pelas gentes
Usar de poucas palavras
Saber o que querer

Quisera «não ser eu nem ser o outro»
Ser simplesmente comum
Caminhar erecto e seguro
Dormir oito horas a fio

Quisera ser sereno
Possuir convicções
Saber do que gostar
Ter alguém para partilhar

Quisera acreditar que existo
Que compreendo
Que sou
Eu

Geómetra

Uma beleza bem singular!
A recta teoricamente infinita,
O útil quadrado tão regular,
O misterioso círculo e o seu Pi!

A pura sensualidade das curvas:
Parabólicas, hiperbólicas e demais.
A mística e difícil espiral!
E quanto aos sólidos tão reais:
Cilindros, esferas, pirâmides,
O cubo de seis faces iguais,
Os poliedros de forma geral!
Uma beleza bem singular!

Os mágicos e sábios triângulos
Com seus catetos e hipotenusas;
As constelações de mil formas,
Os belos polígonos e seus ângulos,
Graus, grados, minutos, segundos!
A determinação dos Astros,
O encantamento das musas,
A alquimia da persistência!
Uma beleza bem singular!

A navegação marítima e aérea
E todos os meandros terrestres,
Com seus zénites e azimutes.
Os instrumentos da Ciência,
A precisão analítica global!
Toda a Universal Geometria
Na pureza da forma, mental!
O discurso sábio dos traços,
A filosofia firme dos números.
Uma beleza bem singular!

Oh Grande Geómetra transcendental!
Que do concreto gera o abstracto,
Que do abstracto constrói o concreto,
Transforma múltiplos mundos
Com tão subtis detalhes ínfimos...

Com o Universo tão perto
No seu passo iluminado,
Com os Deuses tão íntimos...

Obrigado!

Mnemosyne

O prazer de uma frase
Acordar num país distante
As indeléveis memórias
A certeza da amizade
Um aeroporto apressado
O fogo na lareira
O voo de um pássaro
O trabalho para resolver
A esbelteza africana
A calma inspirada
Um jantar japonês
Um livro ao deitar
Fugaz alegria
Um corpo adivinhado

O afagar de um pensamento
Uma conversa quase perfeita
A ilha de Samui
Um encontro esperado
Uma elegância asiática
Uma nova paixão
O trabalho compreendido
A espuma do mar
A arte num filme
Um café na esplanada
Uma viagem prevista
Um segredo guardado
Fugaz alegria
Uma volúpia satisfeita

A serpente de um rio
Um vestido curto apertado
A neve caindo
Uma promessa cumprida
A música sempre presente
Uma paisagem partilhada
Uma varanda sobre o rio
Uma ideia brilhante
Um passeio nocturno
Um conto original
Um plano acabado
A água de um lago
Fugaz alegria
Uma nudez desejada

Um jardim bem desenhado
Um desejo entreolhado
A sinceridade serena
O calor ao luar
A eficácia de uma palavra
A nostalgia de um momento
Uma forma bem torneada
A memória da neve a cair
O trabalho resolvido
Um chuveiro ao fim da tarde
Uma sugestão feliz
A simplicidade sincera
Fugaz alegria
Teu sorriso para mim

Para lá da paisagem

O disco de fogo no horizonte, ali tão perto, diz-nos
lembranças míticas e
A ancestral saudade invade-nos o Ser que anseia
pela chegada.

Depois, a penumbra apodera-se dos sentidos e o medo
é quase palpável.

Então a Lua branca sorri e uma claridade
transcendente faz-nos filósofos e sonhadores. Sábia, a
noite quente e longínqua dá-nos guarida e
A ancestral saudade invade-nos o Ser que anseia
já pela partida...

Eis o dia, fresco, alegre e sadio.
Ah, para lá da paisagem, o desconhecido!

O Número

Jaz ignorado, desprezado, abusado,
Aquele de todos o mais sagrado.

Da representação mais soberana,
Apenas resta a mais banal.

Jaz

Aquele donde a sabedoria emana,
Que viveu além do bem e mal.

Jaz de todos o mais perfeito.
Reina já um sucessor vulgar.

Jaz

Jaz de entre todos o mais fecundo,
E o mesquinho toma o seu lugar.

Ferido, esquecido, mal usado.
O que existiu antes do mundo,

Jaz

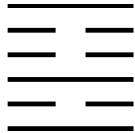
Mas...eis que...
Perturbados os Átomos se confundem.
Ouve-se um insuportável estrondo.
Ribombam Milénios ofendidos,
Gritam as Naturezas iradas!
Já todos os Elementos se rebelam,
Já Universos infinitos se revoltam.
Tremem os desígnios Divinos,
Apagam-se estrelas magoadas
E outras explodem zangadas.

Eis que a Harmonia Universal
Se insurge com sua força colossal.
Eis que se cumprem os Destinos!

Eis que miraculosamente se levanta:
O *Número* ergue-se esplêndido,
Na sua mais sadia e pura força total!

Preciso, justo, leal, assume o comando.
Num ápice tudo ordena e harmoniza,
A mais pura energia emanando.

E até o mais incrédulo se espanta!
E o mais céptico, feliz, se regozija!



22. Pi

Na manhã serena e límpida
Mostra-se majestático
De brancos raios brilhantes
No Pico

O Pico

Visto daqui
Quase irreal no meio do mar

Nesta manhã plena

Daqui
Deste rochedo S. Jorge
A natureza serena
Cala

E o homem
Emudece!

**10 de Junho nos Açores...
ou num qualquer outro lugar...**

“A ilha em frente”
O mar em frente
Essa quimera, esse desejo
De um qualquer outro lugar
Onde abraçarmos
Os corpos ávidos de nós
Onde apaziguarmos
Para sempre
Esta ansiedade...
“A ilha em frente”
O mar em frente
Que nos fez partir
Que nos fez chegar
Em busca de “riqueza e glória”
Num qualquer outro lugar
Essa ambição que nos tornou cruéis
E essa perda que nos transformou
Nostálgicos
Essa grandeza saudade
Num “*nunca mais*” sentido, magoado
Num retorno desejado
“A ilha em frente”
O mar em frente
Torna impossível não sentir
O que foi partir
Para um qualquer outro lugar
Onde encontrar serenidade
Em corpos esbeltos e macios
De espontânea dádiva...
Nesse longínquo sonho
Finalmente consumado
Ao fim do azul
“A ilha em frente”
Que afinal existe
Para além desse mar em frente
Que vale a pena
Que “valeu a pena”
Em que teremos
Talvez
Ainda de desembarcar
Quem sabe
Um dia!...

Nada permanece

O tempo desfolha histórias nas páginas amarelcidas da imensa biblioteca abandonada.

O vento e a chuva manifestam impiedosamente a sua indiferença na rua deserta que outrora levava alegremente ao largo ajardinado.

Nada permanece.

***Phetchabun,
Chuva tropical***

Há pouco, o som
Era só da chuva caindo
Ensurdecidora.
Agora, que a claridade aumenta
E o sol desponta aqui e ali,
Há sons por todo o lado,
Dos insectos aos pássaros,
Os irreconhecíveis que são muitos
Também.
E o ar é quente e espesso,
Pegajoso, húmido.
As poças de água evaporam.
Há o som de vozes por perto.
E o corpo mole,
A pele quente, molhada.
E já o céu escurece,
De novo as nuvens se toldam.
Dentro em pouco
Só o som da chuva
Se ouvirá.

Sofia...

Não mais terei o sabor dos teus encontros
O sorriso das tuas manhãs claras
A eloquência do teu entardecer
A volúpia quente das tuas madrugadas

Não mais escutarei nossas melodias
Partilharei teus pensamentos
Viajarei nossa loucura

Não mais meditarei tuas dúvidas
Nem sonharei teus encantos

Não mais o desejo será ávido
Nem o enlace total

Não mais adivinharei teus futuros
Nem viverei tuas alegrias

Não mais a amizade será eterna
Nem o amor verdadeiro

.....

Teus cabelos desalinhados
Teu olhar ansioso
Ah, a tua juventude!

Meus mais vivos passados
Meus olhos entristecidos

Fugiste
Desapareci
Não mais terei o sabor *de* ti!

Não sei

Sei
Este desencontro repetido
Num esforço inútil, na busca
Do quê, não sei

Sei
Esta incompreensão tamanha
Das naturezas outras
Que me tomam
Por quem, não sei

Sei
Esta solidão lógica
Que sussurra alegrias mágicas
Que vêm
De onde, não sei

Sei
Esta vivência estranha
Sem rota nem abrigo
Que implacavelmente me leva
Para onde, não sei

Malásia

Percorremos, sós, aqueles exóticos dias quentes.
Presentimos, sós, a respiração da selva exuberante.

Numa descoberta permanente,
Aprendemos, sós, a viver juntos...

História adivinhada

Sobra o silêncio
Que nunca o é
Com a sensação nocturna
A qualquer coisa que acaba

Irrompe uma ideia
De um amanhã provável
Neste ciclo de vigília e sono
Que redemoinha para nada

Fica na descontinuidade
Do pensamento que divaga
Esta sensação nocturna
A qualquer coisa interminável

Sobra esta continuidade
Esfarrapada
Dentro de uma história
Adivinhada...

Cumprir

Cumpre-nos

Cumprir

A ininterrupta sucessão das nossas rotinas

Adicionando esforços

Para finalidades dúbias

Irremediavelmente efémeras

Cumpre-nos

Cumprir

A ininterrupta sucessão dos nossos pensamentos

Adicionando dúvidas

As certezas adquiridas

Fatalmente temporais

Cumpre-nos

Cumprir

A ininterrupta sucessão dos nossos dias

Adicionando incógnitas

A uma equação absurda

Inexoravelmente irresolúvel

Por mais...

Por mais que *os olhos vejam*
Por mais que a mente divague

Para além desse gosto a muito
Persiste este travo amargo a nada!

Por mais que os anos passem
Por mais que as memórias se entrelacem!

